

O RISO NO CULTO EVANGÉLICO: CONSIDERAÇÕES SOBRE O HUMOR EM PRÁTICAS DISCURSIVAS RELIGIOSAS¹

Rony Petterson Gomes do Vale²
Patrícia Duarte³

RESUMO: Este artigo é, ao mesmo tempo, um resumo de nossas principais descobertas realizadas com o projeto de pesquisa intitulado “Humor no culto religioso”, desenvolvido na UFV, durante o ano de 2016, seguida de reflexões sobre os resultados e sobre os efeitos de sentido advindos do uso estratégico das formas do riso nas práticas discursivas religiosas. Utilizando dos pressupostos a Análise do Discurso, mais especificamente da Teoria Semiolinguística, apresentamos uma descrição das atividades religiosas evangélicas no Brasil e das principais coerções sociodiscursivas implicadas no culto evangélico. Em seguida, trazemos algumas amostras de análise dos atos de comunicação humorísticos encontrados no *corpus* da pesquisa e finalizamos com uma reflexão dos efeitos de sentido desencadeados pelo discurso do Pr. Cláudio Duarte.

PALAVRAS-CHAVE: Riso; Humor; Discurso Religioso; Análise do Discurso; Estratégias Discursivas.

ABSTRACT: This article is, at the same time, a summary of our main findings from the research project entitled "Humor in religious worship", developed at UFV, during the year 2016, followed by reflections on the results and effects of meaning arising from the strategic use of forms of laughter in religious discursive practices. Using the assumptions of Discourse Analysis, specifically the Semiolinguistic Theory, we present a description of the evangelical religious activities in Brazil and the main sociodiscursive coercions involved in the evangelical cult. Next, we bring some samples of analysis of the humorous acts of communication found in the corpus of the research and we conclude with a reflection of the effects of meaning triggered by the discourse of Pr. Cláudio Duarte.

KEY-WORDS: Laughter; Humor; Religious Discourse; DiscourseAnalysis; Discursive Strategies.

Introdução

Durante séculos, vários tratados (de poética, de ética, de filosofia, de medicina etc.) tentaram apresentar uma discussão sobre a utilização do riso. De acordo com Vale (2013), essas reflexões sobre o riso e o risível foram marcadas por constantes reformulações dos postulados da Antiguidade (das ideias de Platão a Aristóteles, de

¹Esse artigo é produto das reflexões obtidas a partir dos resultados do projeto de pesquisa intitulado “Humor no culto evangélico: estratégias discursivas do Pr. Cláudio Duarte”, registrado na Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de Viçosa (n. 80116268524), executado no ano de 2016.

² PhD em Linguística do Texto e do Discurso. Professor adjunto (Linguística/Português) da Universidade Federal de Viçosa. E-mail: ronyvale@ufv.br.

³ Graduanda em Letras (Português/Francês) pela Universidade Federal de Viçosa. E-mail: patricia.duarte@ufv.br

Cícero a Quintiliano) durante a Alta Idade Média até os primeiros momentos da filosofia moderna. Mais especificamente no que toca a relação entre o riso e a Igreja, Le Goff (2000 apud VALE, 2013, p. 86) afirma que houve dois momentos críticos: “no primeiro, todos os esforços se voltam para uma rejeição total do riso; já no segundo, retoma-se a ideia dos antigos baseada em uma tipologia do riso”: de um lado o riso bom; de outro, o riso mau – diabólico! Nesse contexto, ao se regulamentar as prescrições para o riso, foram consideradas duas concepções de alegria, uma relacionada a coisas passageiras (*laetitiam temporalis*) e outra (*gaudium spiritualis*), que seria a verdadeira felicidade, só alcançada após a morte, mas que poderia ser contemplada em vida, desde que se observassem as coisas divinas. Nessa ética cristã, o riso deveria ser utilizado para alcançar o bem e para evitar o pecado.

Atualmente, na sociedade ocidental e humorística – cf. Minois (2003) –, o riso, sobretudo a sua forma reduzida do humor, tem sido utilizado por diversos tipos discursivos, como argumenta Vale (2013, p. 243, grifos do autor):

Somado ao *politicamente correto*, uma hipótese sugere que esse novo tipo de humor e essa nova geração de humoristas são resultados, em maior ou menor medida, da introdução da cultura norte-americana do stand-up no cenário humorístico brasileiro, que, de certo modo, proporcionou, na mente desses humoristas, o direito a certos excessos de liberdade discursiva fora do espaço dos palcos...

E quanto ao discurso religioso: seria possível esse atravessamento? Uma resposta a essa pergunta vai além do alcance desse artigo (e também da pesquisa que o gerou). Todavia, Essa possibilidade de atravessamento nos instigou a questionar como um pastor, aparentemente influenciado pela cultura do *stand-up* e que se aproveita dos espaços midiáticos abertos na igreja neopentecostal (que aposta numa divulgação maciça pela rádio, TV e internet), “joga” com as coerções sociodiscursivas estabelecidas dentro dos cultos evangélicos.

Com isso em mente, este ensaio tem como objetivo refletir sobre os resultados obtidos a partir de nosso projeto de pesquisa intitulado *Humor no culto evangélico: estratégias discursivas do Pr. Cláudio Duarte*, no qual se analisou um *corpus* composto por cinco⁴ pregações do pastor. A partir de análises prévias desse *corpus*, percebemos a

⁴Em nossa análise foram selecionados cinco vídeos, a saber: “Vai devagar! Examine!”, com 3’03”; “Nada é tudo!”, com 4’04”; “Essa é para os solteiros que querem casar!”, com 7’35”; “Pais que não tem autoridade com os filhos”, com 9’32”; e “Culto da vitória da Família”, na Igreja Monte Horebe, com 2h01’51”. Disponíveis em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mBkB53nu910>>. <<https://www.youtube.com/watch?v=4b2ExCix9bI>>. em:

presença constante do riso nessas pregações. Essa presença do riso, por sua vez, é, de certo modo, a marca desse pastor: em entrevista dada a um programa de TV⁵, o pastor diz que utiliza o humor para conseguir a atenção de seus fiéis, e fazer com que a mensagem seja melhor assimilada pelos jovens a que visa atingir. Diante disso, nos procuramos verificar quais são efeitos de sentido do uso estratégico (e premeditado, como afirma o pastor) do riso. Destarte, objetivamos analisar e identificar os Atos de Comunicação Humorísticos (ACHs), descrevendo as técnicas, visadas e conivências a eles relacionadas, de modo a melhor compreendermos a utilização do humor dentro do culto evangélico.

Este artigo, que aqui se apresenta, é, então, ao mesmo tempo, um resumo de nossas principais descobertas, seguida de reflexões sobre tais resultados e sobre os efeitos de sentido advindos do uso estratégico das formas do riso nas práticas discursivas religiosas. Começamos por uma descrição das atividades religiosas evangélicas no Brasil, seguida da apresentação das principais coerções discursivas implicadas no culto evangélico. Por fim, trazemos uma amostragem da análise dos ACHs encontrados no *corpus* da pesquisa, finalizando com uma reflexão dos efeitos de sentido desencadeados pelo discurso do Pr. Cláudio Duarte.

Breve história do desenvolvimento das igrejas protestantes no Brasil

Nas últimas décadas, temos visto uma grande “concorrência” religiosa em nosso País. Em decorrência disso, o Brasil está deixando de ser pensado apenas como um país católico e temos evidenciado uma crescente pluralização de outras igrejas cristãs no Brasil. Segundo Pierucci (2000), o catolicismo vem perdendo adeptos para outras religiões, sobretudo para outras igrejas cristãs, algumas delas “mais bem-sucedidas” que outras na questão de sua expansão pelo país, como exemplo as igrejas neopentecostais.

Nesse sentido, são esclarecedores os dados do Censo 2010. Com relação à diversidade cristã no país e ao número de seguidores, o censo diz que, depois do catolicismo, com mais ou menos 60% de adeptos, temos o protestantismo com aproximadamente 20%. Todavia, essas porcentagens só mostram os números totais do protestantismo, desconsiderando as cisões internas. De acordo com Pierucci (2000, p.

<<https://www.youtube.com/watch?v=e4x7ZOJRBKg>>.
V61fEp0P0>. Acessos em: 16 set. 2016.

<<https://www.youtube.com/watch?v=F-V61fEp0P0>>.

⁵ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=jLox_XUF8Yc. Acesso em: 10 de ago. 2016.

284), o protestantismo é “dividido, desde o início do século XX, em protestantes históricos e pentecostais”. Além dessa divisão em protestantes e pentecostais, ainda seguindo Pierucci (2000), existe no Brasil o protestantismo de imigração e o protestantismo de conversão, que abarcam as correntes do protestantismo, que são: luteranos, anglicanos ou episcopais, metodistas, presbiterianos, congregacionalistas e batistas. Existe também o pentecostalismo, que passou a se diferenciar em outros dois tipos: os pentecostais clássicos e os neopentecostais.

Apesar de a religião protestante ser também uma religião de cristãos, como a católica, existem várias diferenças entre elas. Essas diferenças, de acordo com Silva (2014, p. 11), dizem respeito: “à visão de paraíso, ao valor que se dá ao dinheiro, à doutrina seguida, ao tratamento das imagens, ao celibato, ao Papado, à santidade de Maria e à interpretação da Bíblia”. Dentre essas diferenças, temos a livre interpretação da Bíblia, por conta das traduções que precisaram ser feitas em diversos idiomas, que fizeram com que o indivíduo tivesse que interpretar as Escrituras sem a ajuda do sacerdote, propiciando assim um aumento das interpretações e conseqüentemente a expansão das igrejas protestantes. Esse aumento das igrejas acompanhou o número de fiéis.

Já as igrejas pentecostais começaram a chegar ao Brasil nas primeiras décadas do século XX e rapidamente se difundiram pelo país. A primeira foi a Congregação Cristã do Brasil, que surgiu no Paraná e em São Paulo em 1910, a segunda foi a Assembléia de Deus em Belém do Pará em 1911. Segundo Pierucci (2000, p. 288), “a partir dos anos 50, os evangélicos pentecostais cresceram tanto e se diversificaram de tal forma, que acabaram por se tornar amplamente majoritários entre os protestantes brasileiros”. Ainda segundo Pierucci, esses pentecostais começaram a se dividir em dois tipos: os “clássicos” e os “neopentecostais”. Porém, os neopentecostais oferecem uma forma de religiosidade muito eficiente, em termos práticos, pouco exigente, em termos éticos, e, doutrinariamente, descomplicada. Os neopentecostais conservam do pentecostalismo clássico o estilo de culto fortemente emocional, voltado para o êxtase, com papel de destaque para a glossolalia, o exorcismo e o milagre, visados sempre como resultados palpáveis a ser experimentados de imediato.

Percebemos, assim, que existem várias ramificações entre as igrejas protestantes, por causa das várias interpretações das Escrituras. De acordo com Silva (2009), seja uma nova percepção bíblica, seja o descontentamento ou o desejo do filiado ou de um

grupo deles, acaba ocasionando a criação de novas igrejas e novas denominações. Porém, essas novas igrejas acabam conservando aspectos das já existentes.

O culto do pastor Cláudio Duarte

O culto do Pr. Cláudio Duarte segue de perto os moldes do culto evangélico pentecostal. Divide-se em três partes: Louvor, Testemunhos e Pregação da Palavra de Deus. Tal culto⁶ começa com um pastor [não denominado no vídeo] dando alguns avisos referentes à Igreja, e depois ele convida a todos para uma oração que dará início ao culto. Enquanto ele faz a oração, todos ouvem um cântico de fundo. Em seguida, entra um pastor, Marcos, e faz uma oração para então dar início aos testemunhos. Ele começa fazendo alguns pedidos a Deus e depois segue lendo dois textos de pessoas que deram seu testemunho, uma delas estava presente no culto. Depois o outro pastor [não denominado] entra e pede a todos que digam: “eu sou teu, Senhor”, para dizer que são protegidos por Deus e por isso nenhum mal se sucederá. Ele convida a todos que estão presentes ali no culto e aos que estão em casa, para ficarem de pé uns ao lado dos outros para buscar e aclamar a Deus, ao final ele pede aplausos. Logo depois, entra outro pastor que chama a todos para prestar culto a Deus a partir de uma oferta ou Dízimo. Ele utiliza de uma passagem da Bíblia para dizer que todos devem dizimar “na casa do Senhor”, afirma ainda que o Dízimo é dado ao senhor e não à Igreja, assim, todos irão prestar um culto a Deus.

Esse momento é um momento de alegria, segundo o pastor, e ele pede para tocar uma música, enquanto as pessoas levam o Dízimo para uma caixinha que fica em frente ao palco. Após a contribuição, o pastor pede para que o pastor Eliseu entre e dê continuidade ao culto fazendo uma oração para as pessoas que precisam de uma benção. Após a oração, o pastor volta e pede que o pastor Cláudio entre. É o momento que começa a Pregação da Palavra de Deus.

O pastor verifica se todos estão acompanhando através da pergunta “Amém?” e todos respondem “Amém”. Cláudio começa pedindo a Deus que abençoe as pessoas que estão em casa assistindo o culto. Em seguida, ele lê uma parte da Bíblia e pede para que as pessoas acompanhem com ele, logo após ele faz uma oração e discorre sobre a

⁶ Para essa análise do culto do pastor Cláudio, tomamos como exemplo o “Culto da Vitória da Família”, postado pela Igreja Batista Monte Horebe. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qdBFpvgP1T0>>. Acesso em: 23 out. 2016.

passagem da Bíblia que foi lida dando conselhos e fazendo pedidos aos fiéis. E, nesse momento, ele utiliza de formas do riso (no caso, humorística) para falar da história que foi lida na Bíblia. O pastor dá um exemplo de uma situação que aconteceu com ele, também utilizando dessas mesmas formas humorísticas, fazendo os fiéis rirem e, então, volta para a história da Bíblia interpretando-a. Durante a pregação, alguns fiéis dizem “Glória a Deus” e aplaudem o que o pastor diz sobre a passagem da Bíblia. O pastor ainda apresenta alguns exemplos de situações que aconteceram com outras pessoas e faz os fiéis rirem mais, terminando sua pregação ao passar uma lição de moral e retomando algumas partes da história bíblica para chegar a sua conclusão. Assim, ele pede para que todos fiquem de pé, faz uma reflexão, distribui alguns conselhos, enquanto uma música é tocada ao fundo. Para terminar o culto, ele pede para que todas as pessoas que estavam fora da igreja entrem e para que o outro pastor fale. Esse outro pastor dá alguns avisos e faz a última oração do culto.

O que deve ficar dessa descrição é o lugar, dentro do culto, no qual o humor é utilizado e o riso é desencadeado: a pregação. Nesse caso, embora a Palavra Sagrada esteja bem perto, o humor é utilizado como forma de reforço do dito (quando explica o sentido obscuro religioso da passagem bíblica) ou mesmo como argumento (quando exemplifica as ações, comportamentos ou discursos passíveis de serem depreendidos do texto sagrado). Mas... apesar dessa intuição sobre o humor, o que realmente acontece quando essa forma do riso entra em cena? Qual é a sua natureza linguístico-discursiva? Quais efeitos de sentido ela tem o potencial de desencadear? Para essas questões, devemos adentrar no campo da Análise do Discurso Humorístico.

Análise do discurso e humor: *miseenscènetriádica* e Atos de Comunicação Humorísticos (ACHs)

O humor, para Charaudeau (2006), apresenta em sua forma discursiva, uma *miseenscène* triádica, onde temos três sujeitos: *o locutor, o destinatário e o alvo*, sendo que o alvo pode representar um sujeito indiretamente presente durante o ato de linguagem, ou pode se fundir com o locutor ou o destinatário, nesse caso, tornando cúmplice ou vítima do ato. Ainda com Charaudeau (2006), o ACH não constitui a totalidade de uma situação de comunicação, portanto, o ato de comunicação humorístico pode se inserir em qualquer tipo de situação e em uma diversidade de contratos. Assim, para analisarmos um ACH, devemos levar em conta a situação de comunicação, a

temática predominante, os procedimentos languageiros⁷ colocados em funcionamento e os efeitos suscetíveis de serem produzidos no auditório. Também temos algumas categorias para essa análise que estão ligadas à enunciação e às categorias do enunciado. De acordo com Charaudeau (2006), as categorias da enunciação, fazem parte de um “jogo” com o que é dito explicitamente e aquilo que é deixado a entender; as categorias do enunciado, por sua vez, estão ligadas ao semantismo das palavras.

Ainda de acordo com a proposta de Charaudeau (2006), o sujeito locutor orienta a intencionalidade do ACH de acordo com um efeito visado, que busca, da parte de um sujeito destinatário, uma determinada convivência, relacionada a certo efeito de prazer. Para Charaudeau (2006), o efeito possível de um ACH resulta de um tipo de *mise en cause* em relação ao mundo e de um contrato de convivência proposto pelo locutor ao destinatário, exigindo que este tome partido em relação à causa. Não existe garantia de coincidência, porém, entre o efeito visado e o efeito produzido. Esses efeitos podem evidenciar o efeito visado pelo sujeito locutor, que mantêm uma relação com as visadas discursivas, ou corresponder a diferentes tipos de convivências exigidas pelo sujeito destinatário. Tais convivências podem ser: lúdica, crítica, cínica, de derrisão ou *plaisanterie* (“brincadeira, piada”).

Análise dos ACHs no Discurso Religioso: algumas reflexões

Ao falarmos da análise de um ACH, devemos entender primeiro a finalidade do riso. De acordo com Vale (2013, p. 93),

se pode utilizar do riso objetivando alcançar: a felicidade (pelo alegramento ou pela boa saúde); o sucesso na argumentação (apresentando-nos como pessoas civilizadas e urbanas); o descanso das obrigações religiosas; as verdades diferentes daquelas propostas pelas teses ditas sérias; a purificação dos vícios e dos defeitos da alma.

Dessa forma, o fazer rir, ou melhor, a *visada de fazer-rir*, tendo como fim o próprio riso, “dilui-se nos mais variados tipos de discursos”, e torna-se um efeito visado

⁷ Devido a grande quantidade de procedimentos relacionados às técnicas do riso, colocaremos, para efeito de referência, que esse trabalho se utilizou dos conhecimentos de Freud e de Possenti. Para Possenti (2008 apud Vale, 2009, p.30), as técnicas são “chaves linguísticas” que “são o meio de desencadear o riso”, portanto, são essas chaves utilizadas por um sujeito que configuram certas maneiras de dizer sobre certos temas, levando assim, ao riso. Essas chaves linguísticas estão distribuídas pelos níveis linguísticos, são eles: fonológico, morfológico, sintático e lexical. Apesar de buscar relação dos chistes com o inconsciente, Freud (2006) faz sua análise através de uma decomposição da estrutura textual e linguística de piadas. Entre elas (Cf. FREUD, 2006, p. 27-89) destacamos: condensação, múltiplo uso do mesmo material, duplo sentido, trocadilhos, deslocamento, réplica direta, automatismos, unificação, resposta pronta, ironia, exageração, alusão, representação por algo pequeno e analogia.

por aqueles que têm como função de fazer rir, garantindo sucesso junto ao público e à sociedade. Com efeito, os ACHs nos apresentam várias formas de convivências que o sujeito-locutor pode buscar estabelecer com o sujeito-receptor. Esses ACHs podem, ainda, se constituir de várias visadas, entre elas, a visada de fazer-rir. Porém, ao falarmos da convivência e dos efeitos de sentidos que o sujeito-locutor busca estabelecer com o sujeito-receptor, segundo Charaudeau (2006), percebe-se que nem sempre tem a ver diretamente com o fazer-rir, propriamente dito, pois, as convivências e os seus efeitos de sentido correspondentes podem se afastar do riso como forma de efeito visado ou, se relacionar, às concepções filosóficas como o ceticismo ou cinismo, por exemplo.

Análise do humor no discurso religioso do Pastor Cláudio Duarte

Em nossa análise, levamos em consideração, seguido a trilha de Vale (2009), as técnicas do riso apresentadas por Freud (2006), que nos ajudam a entender os recursos linguísticos utilizados para se fazer um ACH, e as técnicas propostas por Possenti (2008, p. 46), que as define como “chaves linguísticas que são um meio de desencadear o riso”. Além disso, a proposta de Charaudeau (2006) será utilizada para termos uma visualização dos efeitos e das convivências passíveis de serem desencadeados pelo ACHs. Vejamos alguns exemplos de análise.

Pastor Cláudio Duarte: *As pessoas algumas vezes não têm noção disso, e aí se casam achando: ô meu Deus, até que a morte os separe. Não sabe o quão vai desejar... logo, logo, que ela chegue, é ou não é verdade?*

De acordo com Freud (2006), podemos dizer que a técnica utilizada pelo pastor foi a *alusão*, pois trata-se da representação indireta por algo conexo ou correlacionado, reconstituído por inferências e associações “facilmente estabelecíveis”. Nesse caso, trata-se de uma *alusão* mais *duplo sentido*. Isso ocorre quando uma palavra carrega dois sentidos dos quais o menos proeminente evidencia a alusão. Quando o pastor diz: “até que a morte os separe”, entendemos que é um pedido para que o casamento dure, que as pessoas fiquem juntas pelo resto da vida; mas, nesse caso, o pastor se apropriou da expressão “até que a morte os separe” utilizando do seu duplo sentido para concluir seu pensamento e dizer que o casal não sabe o quão vai desejar que a morte chegue logo. Já, seguindo Possenti (2008), a chave linguística utilizada nesse ACH, é a da *pressuposição*, que se baseia no acionamento de pressuposições pelo léxico ou pela sintaxe e nos laços entre essas pressuposições e o intertexto. Ou seja, através do léxico “morte” e sua relação com o texto, podemos fazer pressuposições, como a que foi feita

pelo pastor. Com relação às visadas, propostas por Charaudeau (2004), temos a visada de demonstração, em que o EU (pastor), quer “estabelecer a verdade e mostrar as provas, segundo uma certa posição de autoridade de saber” (VALE, 2009, p. 46). Já o TU (fiéis), “está em posição de ter que receber e ter que avaliar uma verdade e, então, ter a capacidade de fazê-lo” (VALE, 2009, p. 46). A convivência encontrada foi a crítica, que “propõe ao destinatário uma denúncia de um ‘falso-parecer’ de virtude que esconde valores negativos” (VALE, 2009, p. 64). Temos, então, o pastor como locutor, os fiéis como destinatários e o alvo recai sobre as pessoas que se casam.

Pastor Cláudio Duarte: E eu vou falar uma coisa pra você. Às vezes eu escuto a frase: José do Egito. Eu não gosto dela. Eu gosto: José das mudanças. Que onde esse cara chega, numa linguagem carioca, o bagulho fica doido.

De acordo com Freud (2006), podemos dizer que a técnica utilizada pelo pastor foi a *analogia*, pois, “é um tipo de comparação que se evidencia pela presença de clichês ou alusão a estes” (VALE, 2009, p. 36). Nesse caso, o pastor cita a frase “José do Egito”, como algo que se tornou clichê, e então, faz uma comparação a “José das mudanças” a relacionando com a história de José. Na linha de Possenti (2008), podemos dizer que a chave linguística utilizada é a *inferência*, que “a partir de dados explícitos e implícitos – mas facilmente recuperados pelo contexto – tem-se a possibilidade de uma conclusão, por parte do leitor/ouvinte, altamente sugestionada pelo texto” (VALE, 2009, p. 32). Já com relação às visadas, propostas por Charaudeau (2004 apud VALE, 2009, p. 46), temos a *visada de informação*, em que o EU (pastor), “quer ‘fazer saber’, e ele está legitimado em sua posição de saber”, enquanto o TU (fiéis), “se encontra na posição de ‘dever saber’ alguma coisa sobre a existência dos fatos, ou sobre o porquê ou o como de seu surgimento”. A convivência encontrada foi a *lúdica*, que “é um alegramento por ele-mesmo dentro de uma fusão emocional do autor e do destinatário” (VALE, 2009, p. 64). Assim, temos o pastor como locutor, os fiéis como destinatários e o alvo recai sobre os fiéis.

Pastor Cláudio Duarte: “Ah pastor, mas eu tenho uma amiga. Namorou um menino que não era cristão. Hoje ele tá na igreja, é uma benção”. Tem uma? Ah, que pena. Quer entrar na minha caixa de e-mails? Pra ver quantas mulheres chorando, orando dez, quinze anos para o miserável se converter.

De acordo com Freud (2006), podemos dizer que a técnica utilizada pelo pastor foi a *ironia*, ou seja, a “substituição ou representação pelo oposto” (VALE, 2009, p. 36). Nesse caso, uma fiel chega até o pastor para contar um fato e, de forma irônica, o pastor

substitui o que essa fiel havia dito. Segundo Possenti (2008), a chave linguística utilizada foi a *inferência*. Já com relação às visadas, temos a *visada de informação*, em que o EU (pastor), “quer ‘fazer saber’, e ele está legitimado em sua posição de saber” (VALE, 2009, p. 46), enquanto que o TU (a fiel), “se encontra na posição de ‘dever saber’ alguma coisa sobre a existência dos fatos, ou sobre o porquê ou o como de seu surgimento” (VALE, 2009, p. 46). A convivência encontrada foi a *cínica*, que “possui um efeito destruidor. [...] Aqui, não há a mesma contra argumentação implícita”: “o sujeito humorista ostenta que ele assume essa destruição dos valores, avesso e contra todos” (VALE, 2009, p. 64).

A partir da análise do *corpus*⁸, conseguimos constatar que, na grande parte dos ACHs, quando a convivência (o que se busca no outro, no interlocutor) é *crítica*, o *alvo* recai sobre as mulheres; quando ela é *cínica*, o *alvo* também recai sobre as mulheres; quando ela é *plaisanterie* (“algo do tipo: olha! Isso foi só uma brincadeira... não estou falando sério!) o *alvo* recai sobre o pai do pastor; quando ela é *lúdica*, o *alvo* recai sobre ele mesmo, o pastor, e sobre o seu filho; e quando ela é de *derrisão*, o *alvo* recai novamente sobre as mulheres. Logo, temos, predominantemente, as mulheres como o *alvo* do discurso desse pastor.

Considerações Finais

Diante do exposto, podemos dizer que o pastor profere um discurso, embora religioso, fortemente marcado por propósitos misóginos: o humor esconde ódio, a aversão ou o, no pior dos casos, o desprezo para com as mulheres. Os vestígios do imaginário sociodiscursivo eurocêntrico e cristão se apresentam de forma sub-réptica:

a mulher da Renascença, herdeira da misoginia medieval e do medo disseminado pelos pregadores, é encarada como um ‘mal necessário’ cuja lascívia representa uma ‘tentação natural’ ao homem, possuidor de uma natureza menos carnal. Paradoxalmente objeto de devoção e medo, nela se conjugam passividade e luxúria, idealização e marginalização, permanecendo à sombra da figura masculina como um ‘segundo sexo’ (LIEBEL, 2004, p. 20).

Além disso, podemos fazer inferências quanto ao tipo de riso que mais foram utilizados pelo pastor Cláudio. Para Propp (1992 apud VALE, 2013, p. 99), o riso pode ser classificado em seis tipos, a saber: riso de zombaria (de derrisão), riso maldoso

⁸ Foram encontrados, nos cinco vídeos que compuseram o *corpus*, 53 ACHs.

(destruidor), riso bom (diminuído por uma paixão positiva), riso cínico (sem esperança), riso alegre (puro, ingênuo e muito raro) e riso ritual (aparentemente teatral). Constatamos que os risos mais utilizados durante o culto do pastor são: riso de zombaria, pois, durante o culto o pastor pune certos vícios de seus fiéis de forma direta, sendo exemplificado pelos momentos em que o pastor profere um ACH para depois dar uma reprimenda (com um discurso moralizador através de uma repreensão moral); o riso maldoso, em que os vícios e os defeitos são hiperbolizados: esse riso se aproxima da falsidade, podendo chegar ao ódio generalizado, normalmente tendo como alvo as mulheres; e o riso cínico, que retira seu prazer da desgraça alheia, sendo exemplificado pelos exemplos citados pelo pastor, em que são contadas histórias de fiéis que o procuraram para pedir um conselho.

Com base nisso, podemos assumir que a explicação do pastor Cláudio sobre o uso do humor (atrair uma geração de jovens) é uma explicação no mínimo inocente (para não dizer ingênua) dos “poderes” (tanto para o mal quanto para o bem) do uso das formas do riso. Certamente, nem todos (ou melhor, todas) os fiéis se encaixam no perfil do alvo predominante do pastor; todavia, pelo que se vê nos vídeos e no sucesso que o pastor adquiriu, isso pouco vêm ao caso. Se há uma hora para chorar; e outra, para rir... *aparentemente* o discurso religioso (pelo menos o evangélico) está optando por rir. De preferência quando o alvo são as mulheres, herdeiras de Eva e de Sarah. Resultados: o pecado original e Isaac (“aquele que ri”).

Referências

CHARAUDEAU, P. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. 2004. In Ida Lucia Machado e Renato de Mello. *Gêneros reflexões em análise do discurso*. Belo Horizonte, Nad/Fale-UFMG, 2004. Disponível em: <<http://www.patrick-charauveau.com/Visadas-discursivas-generos.html>>. Acesso em: 09 out. 2016.

_____. Des catégories pour l'humour. *Questions de communication: humor et média. Définitions, genres et cultures*. Nancy: Presses Universitaires de Nancy, n. 10. 2006. p.19-41.

FREUD, S. *Os chistes e a sua relação com o inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

HELLERN, V; NOTAKER, H; GAARDER, J.O *livro das religiões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LE GOFF, J. O riso na Idade Média. In: BREMMER, J.; ROODENBURG, H. (orgs) *Uma história cultural do humor*. Rio de Janeiro: Record, 2000, p. 65-82.

LIEBEL, S. *Demonização da mulher: a construção do discurso misógino no Malleus Maleficarum*. 2004. Disponível em: <http://www.historia.ufpr.br/monografias/2003/silvia_liebel.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2016.

MINOIS, G. *História do riso e do escárnio*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

PIERUCCI, A. F. Apêndice: as religiões no Brasil. In: HELLERN, V; NOTAKER, H; GAARDER, J. *O livro das religiões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, 208-302.

POSSENTI, S. *Os humores da língua: análise linguística de piadas*. 5 reimpr. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2008.

PROPP, V. *Comicidade e riso*. São Paulo: Ática, 1992.

SILVA, S. R. C. G. *Protestantismo: Surgimento, subdivisões, crescimento no Brasil e sua relação com a política, economia e educação*. Revista da Católica, Uberlândia, v. 1, n. 2, p.3-22, 2009.

SILVA, D. R. *Eu sou princesa, fora cachorrada: uma análise do discurso da pastora Sarah Sheeva nos aconselhamentos sentimentais*. 2014. 200 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Departamento de Letras, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2014. Cap. 1.

VALE, R. P. *G.A mulher nas piadas de almanaque: estratégias discursivas e representações sociais*. 2009. 135 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, UFV, Viçosa, 2009.

_____. *O discurso humorístico: um percurso de análise pela linguagem do riso*. 2013. 279 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, UFMG, Belo Horizonte - MG, 2013.